

# A Alegria do Evangelho para uma Igreja em saída

*de Dom José Antonio Peruzzo*

Já se tornaram proverbiais e conhecidas as palavras do Papa Francisco acerca da alegria. Em suas reflexões, espontâneas ou meditadas, a alegria é um tema de grande recorrência. Até para evangelizar, que é a grande missão da Igreja, se faltar a alegria, tudo parece perder cor e vigor. Vale observar suas palavras: “E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo”.

Aliás, alegria é uma das mais espontâneas reações daqueles personagens dos evangelhos que por primeiro tiveram “notícias” acerca de Jesus Cristo. Mas não apenas isso. A alegria é, por excelência, um dos traços mais comuns do que é para anunciar. Lucas é quem melhor retrata esta característica. Bastam algumas observações. Eis as palavras do Anjo a Zacarias: “Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com o seu nascimento” (1,14). Para a jovem de Nazaré as palavras foram estas: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo” (1,28). Aos pastores a voz eloquente do Anjo ressoou assim: “Não temais! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria...” (2,10). Estas breves recordações apontam para uma percepção quase imediata: não há como levar boas notícias sem alegria. O Anjo, mensageiro de Deus, apresentou-se com essa linguagem.

Sempre nos deixando ajudar por Lucas, vale observar que quando os discípulos de Jesus partiram em missão pela primeira vez a eles soou forte a recomendação: “Não leveis para a viagem, nem bastão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro; tampouco tendes duas túnicas...” (9,3). Qual seria, pois, sua segurança? Esta viria somente da mensagem que levariam. E o próprio Lucas relata o caminho dos discípulos: “Eles então partiram... de povoado em povoado, anunciando a Boa Nova...” (9,6). Em termos práticos, a expressão “Boa Nova” equivale a levar boas notícias da parte de Deus. Ora, seria um contrassenso transmitir boas notícias sem alegria. Seria a negação da própria Boa Nova.

Atento a esta percepção, o próprio Lucas salienta a experiência de outros evangelizados, agora setenta e dois. Também eles teriam como única segurança a boa notícia que a realeza de Deus se fizera próxima (10,9). E “os setenta e dois voltaram com alegria” (10,17). Na realidade, é para ela, para a alegria, que o homem foi feito. Sem ela, até a vida, a vocação e a missão pronunciam o vazio e a frustração. Se o anúncio não for alegre estaríamos apenas a propagandear ideias e informações sobre Jesus. Seria tão somente uma palavra proposta, mas sem a adesão do coração e dos afetos; seria um anúncio sem encanto; algo semelhante a levar uma boa notícia com rosto triste.

Longe de ser apenas um estado psicológico ou existencial, a alegria do evangelho se deixa vislumbrar como uma opção do próprio Deus. É esta a intuição do evangelista. Ele nos convida a uma visita ao início do capítulo 15. Os fariseus e escribas, homens muito religiosos, mas amargos legalistas, “murmuravam” porque Jesus festejava com os publicanos e pecadores as grandes notícias da parte de Deus. A eles, pecadores, o evangelho de Jesus lhes trazia grande

alegria. A resposta do Senhor veio em forma de parábola: um pastor, percebendo a falta de uma ovelha, pôs-se em saída, à procura da que se perdeu. O verbo empregado pelo evangelista destaca que é uma busca inquieta, ansiosa, perseverante. De fato, todas as outras causas tornaram-se menores face a grande prioridade: buscá-la “até encontrá-la” (15,4).

Acerca desta prioridade, que Lucas destaca como uma escolha do Pai, é muito interessante observar a redação da parábola da ovelha perdida. Começa com uma interrogação: “Qual de vós...?” (15,4). É uma pergunta que aponta para uma resposta evidente. Em seguida é o pastor que se põe em movimento: deixa as noventa e nove; parte em busca ansiosa da que se perdeu; encontrando-a, alegre, coloca-a nos ombros; volta para casa; convoca amigos; “alegrai-vos comigo por que encontrei...”. É uma impressionante sequência verbal que evidencia o alto significado conferido por Jesus à “saída para buscar quem se perdeu”. O objetivo é bem definido: procurar “até encontrar”.

A opção do próprio Deus pela alegria do evangelho podemos vê-la no v. 7: “Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu...”. A leitura mais espontânea nos leva a olhar para a nova condição da ovelha, após ter sido encontrada. Mas o evangelista expõe uma outra intuição maravilhosa: “no céu”, isto é, segundo a lógica amorosa de Deus, a alegria superior é aquela do encontro de quem se perdeu. Vale notar que esta “lógica”, isto é, a da opção de Deus em “pôr-se em saída”, procurar com afã até encontrar, e “alegrar-se” festivamente, é de tal relevância que o evangelista se apoiou em três parábolas, colocadas em sequência, sem qualquer interrupção (Lc 15,4-32).

É até comovente a conclusão do capítulo 15: “Mas era preciso que festejássemos e nos alegrássemos...”. Ou seja, se não formos uma Igreja em saída tampouco experimentaremos a alegria do evangelho. E também “no céu” não haveria alegria com os evangelizadores. Seria uma Igreja muito adaptada aos esquemas dos fariseus e escribas.